

De Wakanda para o mundo: uma análise de Pantera Negra, representatividade, ações sociais e construção de identidade¹

Elyandra DAMASCENO²

Patrícia CARVALHO³

Enderson OLIVEIRA⁴

Faculdade Estácio do Pará, Belém, PA

RESUMO

Neste artigo analisamos o filme Pantera Negra (2018) não somente destacando suas “referências sociais”, nem também o observando apenas como um produto *blockbuster* voltado ao entretenimento, mas sim notando sua influência na construção de ações e práticas para além das telas, que muitas vezes colaboram para empoderar e fomentar reflexões e mesmo posicionamentos político-sociais a partir da representação negra no cinema. Em um diálogo entre Comunicação, Audiovisual e Antropologia, utilizamos ainda discussões de autores decoloniais para problematizar práticas preconceituosas e ofensivas como o racismo e de que modo se reage a ele seja no cinema seja no cotidiano.

Palavras-chave: Pantera Negra; representação; cinema; racismo; cotidiano.

Considerações iniciais

O filme Pantera Negra (*Black Panther*, 2018), dirigido por Ryan Coogler, conta a história de T'Challa, príncipe do país fictício *Wakanda*, interpretado por Chadwick Boseman, que após a morte de seu pai assume o trono de rei. Contudo, sua posição é contestada pelo antagonista Erik Killmonger, interpretado por Michael B. Jordan, iniciando aí um conflito que põe o destino de *Wakanda* e do mundo todo em risco.

O longa chegou aos cinemas em 15 de fevereiro de 2018, com 2h e 15 minutos, apresentando o que seria uma nação utópica e secreta da África. Mais que isso: o local seria/ é independente e progressista, bem diferente do que se costumou ver nas representações da

¹ Trabalho apresentado no IJ06 - Interfaces Comunicacionais da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio do Pará. E-mail: elyandratrindade@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio do Pará. E-mail: patricia7moraes@gmail.com

⁴ Jornalista, professor na Faculdade Estácio do Pará e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Pará. E-mail: enderson.oliveira1@gmail.com.

cultura africana no cinema *hollywoodiano*⁵. A obra se tornou o primeiro filme com super-herói negro *mainstream* (tendência ou moda principal, dominante), o único filme de super-herói a ter o elenco majoritariamente negro, e com indicações e premiações no Oscar - maior premiação do cinema mundial⁶.

A origem do filme, no entanto, é bem mais “antiga”: o personagem Pantera Negra, criado por Stan Lee (roteiro) e Jack Kirby (artes) foi lançado em julho de 1966 na HQ (História em Quadrinhos) *Fantastic Four #52*, sendo apresentado na capa da HQ como "O sensacional Pantera Negra". Curiosamente, meses após o lançamento da HQ surgiu o partido socialista revolucionário *Black Panther*. A história do personagem se desenvolve quando o super-herói presenteia o Quarteto Fantástico com uma nave e um convite para conhecer o país natal do herói e rei de *Wakanda*, T’Challa.



Imagem 01. Capa da HQ *Fantastic Four #52*. **Fonte:** Reprodução

⁵ Pode-se notar essa representação em filmes como: *Garota Negra* (Ousmane Sembene, 1966), *Na Cidade Vazia* (Maria João Ganga, 2004), *Repórteres de Guerra* (Steven Silver, 2011) e *Selma: Uma luta pela igualdade* (Ava DuVernay, 2014)

⁶ 1º filme de super-heróis indicado ao Oscar de Melhor Filme; 10º lugar como maior bilheteria da história; Arrecadação mundial US\$ 1,346 bilhão; Arrecadação nos EUA US\$ 700 milhões; Arrecadação no Brasil US\$ 36,93 milhões; Filme mais assistido nos EUA por 5 semanas seguidas; Melhor Prévia cinematográfica - 19ª edição do *Golden Trailer Awards*; Mencionado mais de 35 milhões de vezes no *Twitter* com as *#BlackPanther*, *#Wakanda* e *#WakandaForever*.. Ver mais em <<https://www.bol.uol.com.br/listas/sucesso-premios-e-oscar-curiosidades-sobre-o-filme-pantera-negra.htm>>. Acesso em 30 de junho de 2019.

Vale lembrar que *Wakanda* é uma nação fictícia que possui costumes tribais e tecnologia futurista desenvolvidas a partir da exploração de *vibranium*, seu principal recurso. O metal alienígena tem a capacidade de absorver toda e qualquer vibração de som, em decorrência disso o metal começou a ser desejado por exploradores do mundo todo.

A partir deste breve contexto inicial, buscamos neste artigo analisar o filme *Pantera Negra* não somente observando suas “referências sociais”, nem também o observando apenas como um produto *blockbuster* voltado ao entretenimento, mas sim notando sua influência na construção de ações e práticas para além das telas, que muitas vezes colaboram para empoderar e fomentar reflexões e mesmo posicionamentos político-sociais a partir da representação negra no cinema.

Metodologia

Como já discutimos, neste trabalho partimos da análise da repercussão e consumo do filme *Pantera Negra* para observar de que modo uma obra audiovisual pode sim incentivar práticas sociais mais significativas e mesmo “empoderadas”, especialmente para determinada camada da população. Assim, este trabalho se configura em um estudo de caso que, segundo Robert Yin, “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (2011, p. 30).

Deste modo, ao analisarmos o alcance e representatividade do filme, estamos também discutindo e abordando um panorama bem mais amplo, que toca em questões sociais relevantes, como a luta contra o racismo. Neste sentido, o estudo de caso

permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real - tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores (YIN, 2001, p. 21).

É justamente levando em conta tudo isto que acreditamos ser importante, portanto, primeiro apresentar os contextos nos quais tal obra se insere para, em seguida, discutirmos de que modo são (re)significadas algumas ações a partir do alcance do filme, como veremos a partir do próximo tópico.

Pantera Negra e a representação negra no cinema

Há 10 anos, a *Marvel Studios* - estúdio norte-americano de cinema, subsidiário do Walt Disney Studios - vem produzindo uma franquia cinematográfica voltada para o universo dos super-heróis. Seu primeiro filme a chegar nas telas de cinema conta a história do herói Homem de Ferro (2008), interpretado por Robert Downey Jr, já dando início aos sucessos de bilheteria da franquia. Em 2018, com o lançamento de *Pantera Negra*, 18º filme da franquia, a empresa apostou em uma narrativa considerada mais “social”, que envolve a diáspora africana – responsável por provocar, além da imigração forçada e violenta sofrida por grande parte da população, sua transformação em uma categoria ampla e submissa identificada apenas como “escravos” e todas as consequências que advêm de tal nefasto processo – a partir de seu teor ficcional, mas sem excluir padrões fundamentais nas produções de filmes de super-heróis como: lutas, vilões e efeitos especiais.

Sendo composto por um elenco quase completamente negro, algo raro em *Hollywood*, por conta de ser um mercado audiovisual conservador e muitas vezes racista, o longa recebeu sete indicações na 90ª edição do Oscar (Melhor Filme, Melhor Trilha Sonora Original, Melhor Design de Produção, Melhor Canção Original, Melhor Figurino, Melhor Mixagem de Som e Melhor Edição de Som). Além de se tornar o primeiro filme de super-herói a ser indicado a concorrer na principal categoria do evento (Melhor Filme), *Pantera Negra* foi premiado em três das suas sete indicações que concorria: Melhor Trilha Sonora Original; Melhor Design de Produção; Melhor Figurino.

Indo além, é importante notar que heróis negros passaram a ter forte presença nas histórias em quadrinhos tanto da *DC Comics* como da *Marvel Comics* - editoras de histórias em quadrinhos e mídias relacionadas - a partir da denominada Era de Prata - Classificação aplicada a um período específico das HQs, (1956-1970) - mas muitos desses personagens ainda se apresentavam com uma narrativa estereotipada e racista como: Luke Cage, personagem ex membro de gangue com vínculo ao crime; Raio Negro com representação ligada à violência urbana de periferias e Blade, filho de uma prostituta. Isto nos lembra Moacyr Cirne (2000), quando afirmou que “o povo negro só aparecia nas histórias como coadjuvantes temporários nas aventuras dos heróis brancos, ou caricaturados, mantendo o estereótipo de que o negro é inferior, feio, mal, primitivo, menos inteligente” (2000, p.85).

Neste sentido, para Erving Goffman (1988), os estereótipos se atribuem ao que a sociedade considera comum, partindo disso ela caracteriza e rotula os indivíduos. Diz o autor que “a sociedade determina as formas de categorizar os indivíduos e o total de atributos

considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”. (GOFFMAN, 1988, p. 11)

Com a criação do Pantera Negra, Stan Lee apresentou um novo conceito para personagens negros nos quadrinhos, que vai bem além de somente uma vertente de diversão ou entretenimento, mas também alcança discussões mais sociais. Desde então surgiu uma sequência de personagens como: Lanterna Verde, Mulher Gato, Falcão, Luke Cage, Blade, Vixen, Super Choque e Tempestade. Destes, a minoria desses personagens possui filmes solos, e apenas Pantera Negra possui a construção narrativa em que o elenco é majoritariamente negro.

Oscar muito branco e o caso Pantera Negra

Em 2016, o Oscar apresentou uma lista de indicados em que só podíamos encontrar atores, atrizes e diretores brancos. Mesmo que em seus anos anteriores alguns artistas negros como Octavia Spencer, Mo’Nique, Lupita Nyong’o e Steve McQueen tenham conseguido a premiação da Academia, chamou a atenção o fato de nenhum negro ser indicado em um ano com filmes qualificados e personagens negros como fortes concorrentes à estatueta como: *Beasts of No Nation* - Idris Elba , *Creed* - Michael B. Jordan, *Creed* - Tessa Thompson, *Straight Outta Compton* - Jason Mitchell e *Concussion* - Will Smith . Na época, rapidamente a *hashtag* #OscarSoWhite (#Oscartãobranco) tomou conta das mídias sociais e o público reagiu fortemente àquilo que ele viu como injustiça e preconceito contra artistas negros.

“Coincidência” ou não, anos depois desta polêmica a *Marvel Studios* começou a produzir mais um filme do MCU – Universo Cinematográfico Marvel: Pantera Negra. Com um elenco predominantemente negro, tendo apenas dois atores brancos em papéis secundários, o filme que conta a ascensão do príncipe T’Challa ao posto de rei de *Wakanda* chegou ao mercado ganhando destaque, também por ser, e não esqueçamos isto, um blockbuster, um filme que também visava, é claro, o lucro.

Atualmente, a palavra *blockbuster*⁷ passou a ser utilizada pela mídia e críticos para categorizar filmes. Sua origem se dá no período da Segunda Guerra mundial em que os *blockbusters* eram bombas pesadas que continham explosivos de alta potência capazes de destruir um quarteirão inteiro. A palavra que antigamente era tida como algo negativo hoje passa ser caracterizada com um sentido oposto ao seu conceito inicial, sendo referida, principalmente, ao ramo de filmes de heróis ou franquias de marcas famosas que custearam

⁷ *Blockbuster* – A tradução livre da palavra significa algo como “arrasa quarteirão”.

orçamentos grandiosos em seu marketing com intuito de popularizar e obter elevado lucro financeiro. Segundo Fernando Mascarello, *blockbuster*

Se define pelo abandono progressivo da pujança narrativa típica do filme *hollywoodiano* até meados de 1960, e também por assumir a posição de carro-chefe absoluto de uma indústria fortemente integrada, daí em diante, à cadeia maior da produção e do consumo midiáticos (cinema, TV, vídeo, jogos eletrônicos, parques temáticos, brinquedos etc.) (MASCARELLO, 2006, p.336).

Com a crise de 1960, a indústria *hollywoodiana* passou a se reconfigurar com o movimento da chamada “Nova *Hollywood*”, que possibilitou aos cineastas realizarem obras distintas do que estavam acostumados. Em junho de 1975, por exemplo, foi lançado o filme *Tubarão*, dirigido por Steven Spielberg, que narrava a história de um Tubarão Branco que passou a ser caçado após atacar um banhista em uma praia.

Dentre as produções *blockbuster* o 18º filme da franquia *Marvel Studios*, *Pantera Negra* alcançou no mundo todo mais de US\$ 1.340 bilhão em bilheteria comercial, de acordo com *Box Office Mojo* - site que reúne dados de bilheteria⁸. Mais do que isso: provocou uma série de reflexões e mesmo tomadas de atitude e ressignificações por parte do público que assistiu a obra e de alguma forma se reconheceu com o conteúdo apresentado na película, como vemos a seguir.

#WakandaForever: a construção e representação da identidade

A narrativa voltada ao protagonismo negro presente em *Pantera Negra* teve destaque mundial e representou um público que sempre teve sua imagem padronizada sempre “achatada”, diminuída em relação ao homem branco, colonizador, ficando restrita às imagens de favelado, criminoso, escravo e outras expressões pejorativas.

Como consequência, como já citamos acima, vemos que estas práticas criam preconceitos e estereótipos no imaginário coletivo da população, seja em discursos, linguagens artísticas ou mesmo práticas cotidianas. Até mesmo o racismo epistêmico (GROSFOGUEL, 2011) de modo algum pode ser ignorado. Isto afeta por vezes até mesmo a auto compreensão da população negra, internalizando preconceitos com a intenção de não quererem estar iguais àquelas representações da mídia e, muitas vezes, isso leva a deixarem de lado sua cultura e sua estética.

⁸ Ver mais em <https://www.boxofficemojo.com/movies/?id=marvel2017b.htm>

Também por isso Pantera Negra é digno de análise, por apresentar a utopia de um reino africano independente, evoluído socialmente e tecnologicamente que não viveu o processo de colonização pelos europeus no qual os povos foram explorados e tiveram a perda de suas identidades e riquezas. Vemos, portanto, mais que uma mudança decolonial, uma postura mais combativa em relação à realidade histórica da África.



Imagem 02. Representação de Wakanda em Pantera Negra. **Fonte:** Reprodução *Marvel Studios*

Tais reflexões são compreendidas tanto por grande parte do público como também pelos integrantes da obra. A atriz Lupita Nyong'o, por exemplo, que interpretou a heroína Nakia, afirmou em entrevista ao programa de televisão *The View* (via Metro UK)⁹ que “O que o colonialismo fez foi reescrever a nossa história como uma narrativa de pobreza e sofrimento. *Wakanda* é especial por nunca ter sido colonizada, o que vemos nela é um cenário de como a África poderia ser caso tivesse construído a sua própria história”.

Nota-se, assim, que o filme, apesar de fazer parte de uma estrutura mais vertical (isto é, apresentar seu conteúdo ao público, para que este o intérprete e (res)signifique), termina também provocando uma compreensão mais horizontal, ao sugerir que tanto parte do elenco, como também dos espectadores sofrem com problemas semelhantes e veem no filme certa possibilidade de melhoria ou mesmo de incentivo a mudanças. Ainda assim, é importante lembrar que ainda há uma evidente separação e diferença de poder social/econômico entre branco e negro.

⁹ Veja: <https://metro.co.uk/video/video-lupita-nyongo-says-wakanda-africa-hadnt-colonised-1633708/?ito=vjs-link>

Essa insistência em não perceberem como marcados, em discutir como as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais, faz com que pessoas brancas, por exemplo, ainda insistam no argumento de que somente elas pensam na coletividade; que pessoas negras, ao reivindicarem suas existências e modos de fazer político e intelectuais, sejam vistas como separatistas ou pensando somente nelas mesmas. Ao persistirem na ideia de que são universais e falam por todos, insistem em falarem pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais (RIBEIRO, 2017)

Prosseguindo, sobre essa comparação analisamos a representação do personagem Erik Killmonger nativo *wakandiano*, mas criado nas periferias dos Estados Unidos - lembrando que os norte-americanos primeiro passaram pela condição de colônia da Inglaterra para então se tornarem a maior potência mundial. A relação de Killmonger com o colonialismo se fortalece a partir de seu pai, N’Jobu, que viveu durante vários anos nos EUA, e ao se deparar com o histórico dos afro-americanos e seus conflitos raciais passou a se radicalizar politicamente. N’Jobu é morto em disputa com o próprio irmão, o rei de *Wakanda* T’Chaka, após descobrir que ele roubou *vibranium* para distribuir ao povo negro que buscava a liberdade.



Imagem 03. Personagem T’Challa e Erik Killmonger em cena de “Pantera Negra”. **Fonte:** Reprodução *Marvel Studios*

Killmonger cresceu, então, órfão de pai, no meio da criminalidade em um país que o seu povo é discriminado pela cor da pele, e com sentimento de vingança daquele país,

Wakanda, que vive secretamente e não pretende compartilhar sua riqueza com seus ancestrais que sofreram injustiças por conta da colonização. Para Vitor Hugo Oliveira (2018), personagens complexos e profundos como Erik Killmonger possibilitam questionamentos filosóficos. Assim, a personalidade proposta/apresentada pelo antagonista pode nos permitir compreender suas ações radicais. Segundo Oliveira (2018),

Erik mesmo sendo de origem *wakandiana*, não foi criado no país, não teve contato com as tradições e culturas da qual descende, isso pode justificar o fato de em muitos momentos ele as desrespeitar, como ele coloca fogo no templo sagrado do Pantera. Podemos fazer uma analogia aos negros frutos da diáspora africana, o qual não temos contato com as tradições e culturas da qual somos descendentes. (OLIVEIRA, 2018, p.60)

Na narrativa, a apresentação do personagem sugere dúvida sobre o papel do personagem ao rotulá-lo como o grande vilão da história. É fundamental notar que, diferentemente do papel clichê dos vilões de outros filmes de super-heróis, Killmonger para reivindicar o posto de rei de *Wakanda* não por motivos de “dominar o mundo”, mas para vingar a morte de seus ancestrais. Erik, se torna o novo rei de *Wakanda*, após vencer T’Challa em um ritual de luta, e passa a ter ações radicais contra os opressores dos negros. As características do personagem se relacionam com o posicionamento do psiquiatra e filósofo Frantz Fanon sobre a autodefesa do povo colonizado por meio da violência. Em sua obra “Pele Negra máscaras brancas” o autor cita o filósofo Jean-Paul Sartre ao justificar a violência exercida pelo povo negro como algo normal tendo em vista a história de opressão vivida por eles. (FANON, 2008, p. 43). Cita o autor sobre a autodefesa contra o preconceito racial:

Se Sartre ou o Cardeal Verdier afirmam que o problema negro já durou demais, só se pode concluir que a atitude deles é normal. Nós também poderíamos multiplicar referências e citações e demonstrar que, efetivamente, o "preconceito de cor" é uma idiotice, uma estupidez que deve ser banida.

Sartre assim inicia o seu *Orphée noir*:

“O que é que vocês esperavam quando tiraram a mordaca que fechava essas bocas negras? Que elas entoassem hinos de louvação? Que nossos pais curvaram até o chão pela força, quando se erguessem, revelassem adoração nos olhos? - Sartre, prefácio à *Anthologie de la poésie nègre et malgache*”. (FANON, 2008, p. 43).

Nota-se uma representação tanto de Killmonger como antagonista quanto de T’Challa como protagonista que exercem posturas políticas, mas com ideologias distintas: um é filho da

diáspora e suas ações são voltadas a visão de unidade pan-africanista¹⁰ sem divisão dos povos africanos.

Já T'Challa preserva a tradição do seu povo em que a África é um continente que obtêm uma diversidade de tribos e que há o dever de defender somente o seu povo. O personagem, após vivenciar a colonização passa a compreender que *Wakanda* deveria lutar por todos os povos e que seus antepassados falharam nisso.

É justamente levando todo este percurso histórico e social que devemos notar de que modo o filme propagou o orgulho entre as pessoas negras, desde a frase *Wakanda Forever* (Wakanda para sempre), e o gesto de cruzar os braços em frente ao peito ecoa de maneira representativa.

É válido ressaltar que o filme repercutiu até mesmo com personalidades que, conseqüentemente, estão inseridas no contexto colonial europeu, tendo em vista que jogadores do *Manchester United*, um dos maiores clubes da Europa e do mundo, já fizeram tal gesto. O inglês Adam Lingard e o francês Paul Pogba, por exemplo, fizeram o cumprimento de *Wakanda* para comemorar após gol marcado em fevereiro de 2018. A comemoração não parou por aí e chegou até o perfil do Instagram do meia-atacante francês, como podemos ver a seguir:

¹⁰ Pan-africanista – ideologia que luta pelos direitos do povo africano através da unidade do continente africano. De acordo com texto publicado no portal da Fundação Palmares “A ideologia Pan-africanista surgiu de um sentimento de solidariedade e consciência de uma origem comum entre os negros do Caribe e dos Estados Unidos. Ambos estavam envolvidos numa luta semelhante contra a violenta segregação racial. Essa solidariedade que marcou a segunda metade do séc. 19 propôs a união de todos os povos da África como forma de potencializar a voz do continente no contexto internacional.” (2013)



Imagem 04. Publicação de Paul Pogba. **Fonte:** Reprodução Instagram

Além da dupla do time inglês, devemos observar que o atleta de basquete Harrison Barnes, que disputa a NBA, levou 150 crianças ao cinema para assistir Pantera Negra e em entrevista para o site do Dallas Mavericks disse: “Eu mesmo estava muito empolgado para ver o filme. Mas penso que a oportunidade para essas crianças verem o filme – um filme sobre um super-herói africano – é realmente único. Eu ia assistir de qualquer jeito. Então, por que não convidar 100 crianças, pegar uma sala de cinema e assistirmos todos juntos?”¹¹.

¹¹ Saiba mais em <https://www.mavs.com/harrison-barnes-takes-local-kids-movies/>



Imagem 05. Publicação de Harrison Barnes. **Fonte:** Reprodução Instagram

Apesar do alcance e mesmo adesão a estas práticas, é necessário observar que também há tensões e mesmo problematizações sobre as mesmas. Exemplo disto é o fato de que, em entrevista ao programa de televisão *The Tonight Show*¹², o intérprete de Killmonger, Michael B. Jordan, ter explicado o motivo para se recusar a fazer a saudação *Wakanda Forever* “Os fãs não entendem, eu não sou de *Wakanda*, tecnicamente. A saudação é uma coisa de Chadwick - Chadwick Boseman ator que interpreta T’Challa. Então quando eles dizem *Wakanda Forever*, eu ainda estou meio que no meu personagem e penso ‘Não, isso não é comigo’”. Segundo Silva, Nascimento e Almeida (2018),

Quando o espectador afro-descendente - que faz parte do mundo pós-moderno, globalizado e está em constante ligação com diversas culturas e identificações, não só do exterior, mas também no seu estado de introspecção - assiste Pantera Negra, ele encontra a representação na celebração da sua cultura, independente do teor comercial e fictício do produto. Isso afirma o sujeito sociológico e seu encontro nessa complexidade, os diálogos e modificações encontradas nas relações com o exterior, assim resultando a cultura nacional. (SILVA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018, p.7)

Destarte, obviamente não foi somente em produtos culturais originários de alguns países da Europa e dos Estados Unidos em que conseguimos notar grandes ícones reproduzindo

¹² Está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cy19tavAF38&t=188s>

e/ ou repercutindo ações e expressões relacionadas ao filme. Neste sentido, merece destaque o projeto “Terra Firme: Juventude Negra Periférica - Do Extermínio ao Protagonismo”, desenvolvido pela professora Lilia Melo na Escola Brigadeiro Fontenelle, bairro da Terra Firme, periferia de Belém, um dos mais populosos e violentos da capital paraense.

O bairro é considerado como área de risco, um local que é alvo de disputas entre policiais, traficantes e milicianos, tendo como uma de suas vítimas a juventude periférica do bairro. Em meio a esse cenário, a professora percebeu a cultura de resistência e enfrentamento, no qual a comunidade realizava atividades de cultura, arte e lazer.

Em janeiro de 2015, meses depois de uma chacina onde 11 pessoas foram assassinadas no bairro da Terra Firme, Lilia Melo criou o projeto que deu oportunidade para aqueles jovens entender a violência presente em sua rotina e em como eles poderiam construir sua história a partir do reconhecimento e valorização de sua identidade afro, indígena e ribeirinha.

Em 2018, Lilia Melo lançou a campanha “Adote uma criança para ir ao cinema”. Com o objetivo de levar o máximo de crianças para assistir Pantera Negra. Em resultado foi possível levar mais de 400 jovens em que muitos nunca tinham entrado em uma sala de cinema.



Imagem 06. Publicação de Lilia Melo. **Fonte:** Reprodução Facebook

O projeto ficou conhecido, a professora ganhou o prêmio de “Professores do Brasil”, na categoria ensino médio, do Ministério da Educação (MEC). O bairro passou a ser divulgado

de maneira positiva por proporcionar cultura, arte e educação. Em entrevista ao portal Diário Online (DOL), a educadora afirmou que

“O público para qual leciono é vítima constante do conflito entre traficantes e policiais milicianos, causa maior do extermínio da juventude negra periférica. Assim, oferecer a esses jovens de baixa renda a ida ao cinema para assistirem ao filme em cartaz ‘Pantera Negra’ contribuirá para a desconstrução e reconstrução de sua história. Os poucos que tem acesso ao cinema, sempre é por meio de produções piratas projetadas em televisão fora do período de cartaz do filme”¹³.

Considerações Finais

A arte é capaz de moldar opiniões, ações, culturas. O cinema, parte fundamental do “fazer arte” não fica atrás. Você pode ser um amante de filmes ou não, mas muito provavelmente já usou duas horas de um dia para se “teletransportar” para uma realidade diferente da sua. Porque é isso que o cinema faz, ele nos leva para um mundo totalmente novo onde o inimaginável já não é tão distante assim. Nas telas do cinema já pudemos testemunhar desde guerras mais longínquas até guerras intergalácticas; vimos quedas de ditaduras e o surgimento de novos governos. Acompanhamos heróis, deuses, bruxos, magos, mas também acompanhamos médicos, pais, mães, pilotos de fórmula 1. Tudo ali, ao alcance dos nossos olhos.

Em meio a este panorama, Pantera Negra foi capaz de chegar nos trazendo novidades. Foi capaz de inspirar, mais que fãs, pessoas que se reconheceram e se viram representadas pelos personagens, suas lutas e conquistas. Tudo isto, é claro, não ocorreu de modo direto, mas por vezes provocou tensões e reflexões.

Como vimos, pelo poder do cinema e/ ou de lutas contemporâneas, o filme que conta a história de um rei africano de um local utópico terminou provocando reações “práticas” em pessoas comuns e mesmo “famosas”, como as que citamos aqui, mas que vai bem mais além. Da utopia à realidade, é isso que o cinema faz, é isso que ele é. Ele nos vende o sonho impossível, mostrando que é tão possível quanto a nossa vontade de realizá-los.

Referências

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, Sedução e Paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹³<https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-490578-professora-faz-campanha-para-levar-criancas-da-terra-firme-para-ver-pantera-negra.html>

FANON, Frantz. **Pele Negra máscaras Brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GROSGOUEL, Ramón. **Racismo/Sexismo Epistêmico, Universidades Ocidentalizadas e os quatro Genocídios/Epistemicídios ao longo do século XVI**. Tabula Rasa. 2013, n.19, pp.31-58.

MASCARELLO, Fernando (Org).**História do Cinema Mundial**. Campina, SP: 2006. (Coleção campo imagético).

OLIVEIRA, Vitor Hugo. **Pantera Negra: Representatividade e Ancestralidade. Um Estudo Sobre as Novas Representações dos Indivíduos Negros em Produtos Audiovisuais**. 2018. 88f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?**. 2017. Ed.Justificando.

SILVA, E.; NASCIMENTO, L; ALMEIDA, Y. **Pantera Negra: A construção de identidades através da diegese do filme comercial**. Bahia: Intercom, 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

SITES

Harrison Barnes takes local kids to the movies. Mavs. Disponível em: <<https://www.mavs.com/harrison-barnes-takes-local-kids-movies/>>. Acesso em: fev. 2018.

Pan-africanismo: o conceito que mudou a história do negro no mundo contemporâneo. Palmares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=26286>>. Acesso em: fev. 2013.

Professora faz campanha para levar crianças da Terra Firme para ver Pantera Negra. Diário Online. Disponível em: <<https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-490578-professora-faz-campanha-para-levar-criancas-da-terra-firme-para-ver-pantera-negra.html>>. Acesso em: Mar. 2018.

Video: Lupita Nyong'o says Wakanda is Africa if it hadn't been colonised. Metro Uk. Disponível em: <<https://metro.co.uk/video/video-lupita-nyongo-says-wakanda-africa-hadnt-colonised-1633708/?ito=vjs-link>>. Acesso em: fev. 2018.